OS CAMELLOS DO CEARÁ

Ha tempos publiquei nesta primeira pagina do O JORNAL um longo artigo sobre a viagem curiosa do pintor francez F. Biard no nosso paiz, de 1858 e 1860, o qual certamente passou despercebido á maioria dos leitores. Lembro este facto unicamente para poder tratar de novo dessa interessante viagem, sem precisar de dar novas e minuciosas explicações sobre a mesma.

Indo do Rio de Janeiro ao Amazonas, o viajante francez refere-se aos varios portos em que o seu vapor foi tocando, e nesse capitulo, á pagina 306 (Edição Hachette de 1862), diz o seguinte: «Vers midi on jettait l'ancre devant Ciarra («sic»), qui prétend aussi au titre de Fortaleza. Entourée de cocotiers, cette ville est d'un assez joli aspect, bien que pour y entrer il faille traverser une plage de sable. On ne s'y arrête que pour remettre et prendre les depêches. Je voyais passer des animaux qui m'intriguaient beaucoup: ils me paraissaient plus grands que des chevaux et ressemblaient à des chameaux. Je ne me trompais pas, c'étaient des chameaux transportés d'Afrique, sans doute par une societé d'acclimatation indigéne. Le pays me parut

excellent pour ces animaux, auxquels le sable est familier».

Quem lêr isto e nada souber do passado do Ceará ficará certo de que o sr. Biard pregou uma formidavel peta, affirmando ter, de bordo do navio que o transportava, avistado camellos caminhando para lá e para cá na praia branca e ensolada de Fortaleza. Entretanto, o que elle disse que viu, viu mesmo. Não ha no seu relato a menor mentira. Tudo está mais do que certo.

Ao lêr essa pagina do pintor do retrato de Pedro II, lembrei-me logo do que a respeito desses exoticos animaes ouvira na meninice contar em minha casa, a miudo, tanto pelos meus como por pessoas de edade das relações de minha familia, sabia, assim, que no meado do seculo desanove o governo imperial tentara acclimar nos areaes da minha terra, julgando o seu clima semelhante ao da Africa, um pequeno rebanho de dromedarios bérberes e não de camellos verdadeiros. Esses feios bichos, depois duma certa estadia na capital da provincia, foram mandados para o interior e essa sua viagem deu logar a episodios interessantes.

Pelo caminho, horrorisados ao seu aspecto nunca visto, os cavallos dos matutos desembestavam como loucos, atirando os cavalleiros fóra das sellas, as mulas e jumentos dos comboios fugiam espavoridos, jogando as cargas ao chão, as crianças berravam assombradas, as mulheres escondiam-se, os homens punham-se em guarda, receiando fossem feras, e as boiadas estouravam! Era um Deus nos acuda estradas em fóra.

Toda a vez que ia governar o Ceará um novo Presidente da Provincia mandavam-se buscar no sertão, para elle vêr, os taes camellos, que tinham pagens africanos trajados de albornoz, o que causava verdadeiro «successo» nas ruas da cidade. Depois de passados em revista por S. Ex., os camellos, ou antes os dromedarios, tornavam ás suas

varzeas, onde comiam as folhas tenras das carnahubeiras. Esses ruminantes produziram e os filhotes dos dromedarios nascidos na minha terra foram mais bonitos, menos angulosos que os paes. Mas com o correr dos tempos tanto os vindos da Africa como os creoulos morreram. Alguem que os conheceu affirmou-me uma vez assim ter acontecido, porque a tentativa de acclimação não fôra dirigida por pessoa competente e sim por protegidos da politicagem—causa essa da maior parte de todos os nossos revézes.

Não tendo, porém, senão essas reminiscencias da meninice para justificar o sr. F. Biard na sua affirmação, resolvi recorrer ao homem que hoje em dia melhor conhece a historia do Ceará, tendo-lhe dedicado sua vida e sua fortuna, possuindo um archivo admiravel, do qual constam preciosissimos documentos, o meu eminente amigo Barão de Studart, que reside em Fortaleza. A sua resposta deu-me todos os dados precisos acerca dos camellos do Ceará.

O governo imperial mandou buscal-os em Argel. Elles partiram em numero de 14, entre machos e femeas, da capital da Argelia, a 21 de junho de 1859, a bordo da barca franceza «Splendide», que, após feliz travessia, chegou a Fortaleza no dia 24 de julho do mesmo anno. Tomavam conta desse rebanho de dromedarios quatro arabes ou melhor argelinos, contratados pelo governo do Brasil. A compra fôra realizada, por procuração do mesmo, pelo sr. Richard du Cantal, Vice-Presidente da Societé Française d'Acclimatation.

Desembarcados, foram guardados no Deposito Publico da Camara Municipal, que o povo rodeava curiosamente e para onde accorriam todos os garotos da cidade. Vêr os camellos foi, nessa occasião, até um passeio elegante, para as principaes pessoas do logar. Um dos dromedarios, que chegára adoentado, morreu em Fortaleza no referido deposito,

que constava dum terreno com «frentes» de alvenaria, á praça do Ferreira, onde hoje existem importantes casas commerciaes.

Dos treze camellos restantes dias depois seis foram enviados para Canindé e sete para Quixeramobim.

De 1859 a 1866, durante um espaço de sete annos, os dromedarios tiveram filhos e foram morrendo elles e os filhos, até que em fins de 1866 delles sómente restavam quatro. A 31 de outubro do referido anno um aviso do Ministerio da Agricultura mandou-os vender em hasta publica, reconhecendo assim a improficuidade dos esforços officiaes feitos para acclimar os ruminantes africanos no sertão cearense. A venda só se realizou mezes depois, no dia 4 de fevereiro de 1867. Então, os quatro exoticos e desterrados animaes estavam sob a guarda do meu parente coronel Francisco Fidelis Barroso. Arrematou-os pela quantia de um conto de réis o sr. João do Carmo. Um aviso ministerial de 27 de março approvou essa venda e poz ponto final na vida publica dos camellos do Ceará, salvo seja...

Da vida particular delles dahi por deante, ás ordens do sr. João do Carmo, ninguem sabe nada. Talvez tenham terminado a carreira em circos de cavallinhos mambembes, desses que percorrem as feiras e as festas religiosas do interior. Pobres dromedarios!

O certo, porém, é que o viajante e pintor francez não mentiu, como poderia parecer, quando narrou ter assistido deante de Fortaleza, caminhando pela praia alva e batida do vento e sol, vultos grotescos de dromedarios.

Não foi essa tentativa a unica que se fez na America para acclimar camellos. Tenho noticias de outra no Perú, ao tempo do dominio hespanhol. Della fala o abbade Xavier Clavijero, na sua «Historia Antigua de Mexico», á pagina 321 do tomo

2.°, edição do Departamento das Bellas Artes do Mexico, de 1917, desta forma:

«De todos los cuadrupedos llevados a America, dice Mr. de Paw, los que más han prosperado han sido los camellos. A principios del siglo XVI pasaron algunos de Africa al Perú, donde el frio les desconcertó los organos destinados a la reproduccion, y no dejaron posteridad. Pero disimulando el erros cronologico en que incurre, porque no hace al caso si el frio fué la causa de la distruccion de los camellos en America, lo mismo sucederia en Europa, especialmente en los paises del Norte, en los que el frio es sin comparación mucho mayor que en cualquiera parte del Perú. Acuse Mr. Paw a los que quisieron aclimatar aquellos animales en regiones poco analogas a sua naturaleza, y no acuse a la America, en cuya extension hay tierras cálidas y secas, como las que neçesita el camello para subsistir. La misma experiencia se hizo en España, y no tuvo buen exito, y no habrá quien niegue que el clima de esta penisula es de los más templados y benignos de Europa. El conde de Buffon opina que aquellos útiles cuadrupedos podrian fácilmente propagarse en America e en España, si se tomassen das precauciones convenientes, y yo no dudo que prosperarian en la Nueva Galicia. Por lo demás, es falso que los camellos transportados al Perú no dejasen posteridad: el Padre Acosta, que estuvo alli pocos años despúes, assegura haberlos visto multiplicados, aunque no tanto como era de desear».

Desta dissertação do abbade Clavijero acerca da tentativa de acclimação de camellos que na America precedeu á do Ceará se infere que ha duvidas quanto á reproducção desses animaes no Perú, emquanto não padece a menor duvida que se reproduziram no sólo cearense. Apesar de tão auspicioso resultado, superior aos obtidos na Hespanha e no Perú, essa tentativa do governo imperial, a favor da zona das seccas, procurando tornal-a o novo

«habitat» dum animal dotado de assombrosa resistencia, deu em pantana como muitas outras. E dos infelizes camellos do Ceará resta unicamente uma vaga lembrança historica.

Gustavo Barroso [João do Norte].

(Do *O Jornal*, do Rio de Janeiro, de 6 de Maio de 1921).